

Os nove modos de rezar de São Domingos de Gusmão



As Nove Maneiras de Oração de São Domingos foi escrito por um autor anônimo, provavelmente em Bolonha, em algum momento entre 1260 e 1288. A fonte de sua informação foi a Irmã Cecília do Mosteiro de St. Agnes, em Bolonha (que tinha sido recebida pelo hábito de S. Domingos) e outros que tinham estado em contato com o Fundador Santo. Este documento atesta a venerável eminente santidade do Santo, mostrando algo de sua vida íntima e intenso amor de Deus. Os trabalhos iniciais da obra foram acompanhados por desenhos em miniatura para ilustrar as diferentes posturas de S. Domingos teve quando estava em oração. Aqueles que estão em espanhol do manuscrito da Biblioteca do Vaticano, *Codex Rossianus 3*, são qualificados por um miniaturista e feito em cores brilhantes que ainda estão vivas.

As Nove Maneiras de Oração tem sido algumas vezes impressas como um suplemento para a *vida de São Dominic* de Teodorico de Apoldia, embora eles não façam parte desse trabalho. A razão para isto é rastreável a visita de Conrad de Trebensee, Provincial da Alemanha, de Bolonha, em 1288, quando ele estava na Itália para assistir ao capítulo geral. Lá ele encontrou *The Nine Ways* e outros documentos relativos a São Domingos e os levou de volta à Alemanha para a utilização de Teodorico, que, naquela época, estava começando a trabalhar em sua biografia do santo.



Santos doutores, como Agostinho, Ambrósio, Gregório, Hilário, Isidoro, João Crisóstomo, João Damasceno, Bernardo e outros autores muito piedosos, tanto gregos como latinos, trataram com grande amplitude da oração, a têm recomendado e descrito; têm dissertado acerca de sua necessidade, utilidade e modo de fazê-la, assim como da preparação e impedimentos para a mesma. Porém o glorioso e venerável doutor Tomás de Aquino e Alberto Magno, da Ordem dos Pregadores, ao longo de suas obras, do mesmo modo que Guilherme no tratado das virtudes, têm exposto com nobreza, santidade, devoção e elegância a maneira de orar na qual a alma se serve dos membros do corpo para lançar-se com maior devoção a Deus. Deste modo, a alma, uma vez que move o corpo é movida por ele, e assim em algumas ocasiões entra em êxtase, como ocorria com São Paulo, outras vezes em arroubamento, como acontecia com o profeta David. Deste modo rezava com freqüência Domingos e algo diremos aqui sobre o particular.

Também os santos do Antigo e do Novo Testamento rezavam desta maneira algumas vezes. Porque tal modo de orar excita alternativamente a devoção, da alma ao corpo, e do corpo à alma. Este modo de oração fazia prorromper em forte pranto a São Domingos e se acendia o fervor de sua boa vontade em tal grau que não conseguia ocultá-lo sem que transluzisse sua devoção através de uma certa expressão corporal. Sua alma em oração se elevava às vezes a formular petições, rogos e ações de graças.

Se aludirá a seguir de seus modos especiais de rezar. Não se faz menção detalhada daqueles outros que tinha, muito devotos e constantes, na celebração da missa e recitação do ofício divino, onde se percebia o momento como se elevava freqüentemente em espírito por cima de si e se mantinha no trato com Deus e os anjos durante a oração das horas canônicas, bem fora no coro ou de viagem.

Primeiro modo de orar

O primeiro modo de orar consista em humilhar-se ante o altar, como se Cristo representado nele, estivesse ali real e pessoalmente e não apenas simbolicamente. Comportava-se assim em conformidade ao seguinte texto do livro de Judite: *“sempre te agradou a súplica dos mansos e humildes”* (Jud. 9, 16). Pela humildade obteve a Cananéia quanto desejava (Mt 15, 21-18) e o mesmo o filho pródigo (Lc 15, 11-32). Inspirava-se também nestas palavras: *“Eu não*

sou digno que entreis em minha casa (MT 8,8); Senhor, ante ti tenho me humilhado sempre (Salmo 146, 61)”.

E assim, nosso Pai, mantendo o corpo ereto, inclinava a cabeça, olhando humildemente a Cristo o reverenciava com todo seu ser, considerando sua condição de servo e a excelência de Cristo. Ensinava a fazê-lo assim aos frades quando passavam diante do crucifixo, para que Cristo, humilhado por nós até o extremo, nos visse humilhados ante sua majestade. Mandava também aos frades que se humilhassem deste modo ante o mistério da Santíssima Trindade quando se cantasse o Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Este modo de orar inclinando profundamente a cabeça, como se mostra na gravura, era o ponto de partida de suas devoções.



Segundo modo de orar

São Domingos rezava também, com freqüência, completamente prostrado, rosto em terra. Doía-se em seu interior e se apostrofava a si mesmo, e o fazia às vezes em tom tão alto que em algumas ocasiões o ouviam recitar aquele versículo do Evangelho: *“Ó Deus! Tem compaixão deste pecador” (Lc 18, 13)*. Com piedade e reverência, recordava freqüentemente aquelas palavras de Davi: *“Sou eu o que pecou e obrou iniquamente” (Salmo 50, 5)*. Chorava emitindo fortes gemidos; depois, exclamava: *“Não sou digno de contemplar a grandeza do céu, por causa de minha iniquidade, porque tenho provocado tua ira e tenho obrado mau ante teus olhos”*. Do salmo, que começa “com nossos ouvidos”, oh Deus temos ouvido, recitava com vigor e devoção o versículo que diz: *“Porque minha alma foi humilhada até o pó, e meu corpo pegado à terra (salmo 43, 26)”*; e também: *“Pegada ao solo está minha alma, conserva minha vida conforme tua palavra (Salmo 118, 25)”*.

Em alguma ocasião, querendo ensinar aos frades com quanta reverência deviam orar, dizia-lhes: *“Os piedosos Reis magos entraram na casa, viram o menino com Maria sua Mãe, e, caindo de joelhos, O adoraram (MT 2, 11)”*. É, pois, certo que também nós encontramos o Homem-Deus com Maria, sua escrava; vinde, adoremos, prostremo-nos por terra, choremos ante o Senhor que nos criou (Salmo 94, 6). Exortava também aos jovens, dizendo: *“Se não podeis chorar vossos pecados porque não os tens, há muitos pecadores necessitando de misericórdia e caridade. Por eles gereram os profetas e os apóstolos. Contemplando-os Jesus, chorou amargamente, e o mesmo fazia o santo profeta David, dizendo: “Vindo aos renegados, sentia asco (Salmo 118, 158)”*.



Terceiro modo de orar

Motivado São Domingos por tudo quanto procede, se elevava do solo e se disciplinava com uma cadeia de ferro, dizendo: *“Tua disciplina me adestrou para o combate”* (Salmo 17, 35). Esta é a razão pela qual a Ordem inteira estabeleceu que todos os frades, trazendo à memória o exemplo de São Domingos, se disciplinassem com varas sobre suas costas nuas, nos dias de descanso depois das completas. Venerando este exemplo, recitam o salmo que começa: *“Misericórdia, Deus meu (Salmo 50)”*, ou aquele outro: *“Desde o mais profundo clamo a ti, Senhor (Salmo 129)”*. A disciplina se toma para expiação das próprias culpas, ou pelas daqueles de cujas esmolas vivem. Em consequência, ninguém, por inocente que seja, deve se apartar desde santo exemplo. Tal modo de oração fica refletido na figura seguinte.



Quarto modo de orar

Depois disto, São Domingos, ante o altar da igreja o una sala capitular, voltava-se para o crucifixo, o olhar com suma atenção, e ajoelhava-se uma e outra vez; fazia muitas genuflexões. Às vezes, após a reza das completas e até á meia noite, ora levantava-se, ora ajoelhava-se, como fazia o apóstolo Santiago, ou o leproso do Evangelho que dizia, de joelhos: *“Senhor, se quiserdes, podeis curar-me”* (MT 8, 2), ou como Estevão que, ajoelhado, clamava com voz forte: *“Não lhes tenha em conta este pecado”* (Atos 7,60). O Pai São Domingos tinha uma grande confiança na misericórdia de Deus, tanto em seu favor quanto para o bem de todos os pecadores e em amparo dos frades jovens que enviava a pregar. Em ocasiões não podia conter sua voz e os frades o escutavam dizer: *“A ti, Senhor, vos invoco, não sejas surdo à minha voz, não vos cale”* (Salmo 27, 1); assim como outras palavras pelo estilo da Sagrada Escritura.

Em outras ocasiões falava para seu interior, sem que ouvisse em absoluto o que dizia, permanecendo absorto de joelhos, às vezes por longo tempo. Havia momentos nos quais parecia que neste modo de orar sua alma penetrava nos céus; logo era visto transbordante de gozo e enxugando-se as lágrimas. Levantava-se nele um grande desejo, como um sedento que

se dirigia para a fonte ou peregrino que já estava perto da pátria. Crescia e se fortalecia em seu ânimo; ao levantar-se e ajoelhar-se o fazia com uma grande compostura e agilidade. Estava tão acostumando a ajoelhar-se que, em viagem, nas casas onde se hospedavam, depois do caminhar cansativo e nos caminhos, enquanto dormiam e descansavam os demais, ele voltava para as genuflexões coma arte própria sua e peculiar ministério. Ensinava aos frades à orar desta mesma maneira, mais com o exemplo do que com as palavras.



Quinto modo de orar

Algumas vezes o Pai São Domingos, estando no convento, permanecia em pé, erguido ante o altar, mantinha seu corpo direito sobre os pés, sem apoiar-se nem obter ajuda de coisa alguma. Às vezes tinha as mãos estendidas ante o peito, a modo de livro aberto, e assim se mantinha com muita reverência e devoção, como se lesse ante o Senhor. Na oração se lhe via meditar a palavra de Deus, e como se a relatasse docemente para si mesmo. Servia-lhe de exemplo aquele gesto do Senhor, que se lê no Evangelho segundo São Lucas, a saber: Que entrou Jesus segundo seu costume, quer dizer, no sábado, na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura (Lc 4, 16). E também se disse no salmo: Finéias levantou-se, e orou, e a praga cessou (Salmo 105, 30).

Às vezes juntava as mãos à altura dos olhos, entrelaçando-as fortemente e dando uma com outra, como ungiendo-se a si mesmo. Elevava também as mãos até os ombros, tal como faz o sacerdote quando celebra a missa, como se quisesse fixar o ouvido para perceber com mais atenção algo que se lhe diria desde o altar. Se tivesses visto, leitor, a devoção com que rezava em pé, te houvera parecido que contemplavas a um profeta que, com um anjo ou com Deus, ora falava, ora escutava, ora meditava em silêncio sobre o que lhe havia sido revelado. Se quando ia a caminho furtava logo às escondidas algum tempo para rezar, sua mente em contínua vigília, tendia no momento para o céu; logo o ouvirias pronunciar com grande doçura e delicadeza algumas palavras consoladoras, tomadas do cérebro e do mais substancial da Sagrada Escritura; parecia que as havia tirado das fontes do Salvador. Os frades se animavam muito com este exemplo, contemplando ao seu Pai e Mestre; se dispunham com maior devoção a orar, reverente e continuamente. Como estão os olhos da escrava fixos nas mãos de sua senhora, e como estão os olhos dos escravos fixos nas mãos de seus senhores (Salmo 122,2).



Sexto modo de orar

Às vezes se via também orar ao Pai São Domingos, com as mãos e braços abertos e muito estendidos, a semelhança da cruz, permanecendo direito na medida em que lhe era possível. Orou deste modo quando, por sua oração, Deus ressuscitou o menino chamado Napoleón ; orou na sacristia de São Sixto de Roma, e na igreja durante a celebração da missa, elevando-se do solo, como narrou a devota e santa Sórora Cecília, que se achava presente e o viu, da mesma forma que uma multidão de pessoas; como Elias, quando ressuscitou ao filho da viúva estendendo-se sobre o menino (1 Reis 17, 17-24). De modo semelhante orou quando, junto a Toulouse, livrou os peregrinos ingleses do perigo de afogar-se no rio. Deste modo orou o Senhor enquanto pendia da cruz, quer dizer, com as mãos e braços estendidos, e com grande clamor e lágrimas foi escutado por seu reverencial temor (Hb 5, 7).

Mas São Domingos não utilizava este de rezar senão quando, inspirado por Deus, sabia que ia-se operar algo grande e maravilhoso em virtude da oração. Nem proibia aos frades orar assim, nem se lhes aconselhava. Quando ressuscitou aquele menino rezando deste modo, em pé, com os braços e mãos estendidos em forma de cruz, não sabemos o que dizia. É possível que pronunciasse as mesmas palavras do profeta Elias: “Senhor, Deus meu! Que volte, vos rogo, a alma deste menino a entrar nele!” (1 Reis 17, 21). Os presentes observavam este modo de orar, porém os frades e freiras, os senhores e cardeais, e os demais que acompanhavam aquela maneira de orar desacostumada e admirável, não reconheceram as palavras que pronunciou. Depois não lhes foi permitido interrogar acerca de tudo isto ao santo e admirável Domingos, o qual neste ponto se mostrou com todos muito digno de respeito e reverência. Sem embargo, pronunciava com ponderação, gravidade e oportunamente as palavras do Saltério que fazem referência a este modo de orar, dizia atentamente: “Senhor, Deus de minha salvação, de dia vos peço auxílio, de noite grito em vossa presença”; recitava até aquele versículo: “Todo o dia vos estou invocando, Senhor, estendendo as mãos vazias!” (Salmos 87, 2-10). E também: “Escuta, Senhor, minha oração, presta atenção à minha súplica”, etc. até o versículo que diz: “Estendo minhas mãos para vós, etc.. escuta-me em seguida, Senhor”. (Salmos 142, 1-6). Por tudo isso poderá qualquer pessoa devota captar a oração deste Pai, e seu ensinamento ao rezar deste modo, quando queria ser transportado para Deus de modo admirável em virtude da oração, ou melhor, quando sentia desde o mais íntimo de seu ser que Deus o movia com especial força a uma graça singular; a pedi-la para si ou para outro, ilustrado pela doutrina da David, pelo fogo de Elias, pela caridade de Cristo e pela devoção de Deus, como aparece na figura.



Sétimo modo de orar

Sem embargo, era encontrado com freqüência orando, dirigido completamente para o céu, a modo de uma flecha apontando para cima, que se projeta diretamente ao alto por meio de um arco retesado. Orava com as mãos elevadas sobre sua cabeça, muito levantadas e unidas entre si, ou bem um pouco separadas, como para receber algo do céu. Acredita-se que então se aumentava a graça nele e era arrebatado em espírito. Pedia a Deus para a Ordem que havia fundado os dons do Espírito Santo e agradável deleite na prática das bem-aventuranças. Pedia para si e para os frades manterem-se devotos e alegres na maior e estrita pobreza, no pranto amargo, nas graves perseguições, na fome e nas grandes sedes de justiça, na ânsia de misericórdia, até ser proclamados bem-aventurados; pedia, de igual modo, manterem-se devotos e alegres na guarda dos mandamentos e em cumprimento dos conselhos evangélicos. Parecia que então o Pai São Domingos, arrebatado em espírito, entrava no lugar santo entre os santos, quer dizer, no terceiro céu. Daí que, após esta oração, tanto nas correções como nas dispensas, ou na pregação, comportava-se como um verdadeiro profeta.

Não permanecia por muito o Pai São Domingos neste modo de orar. Voltava para si mesmo como quem chegava de longe, ou como quem vinha peregrinando. Isto podia se observar facilmente em seu aspecto e no modo de se comportar. Sem embargo, quando rezava com clareza, os frades o ouviam pronunciar algumas vezes as palavras do profeta: “Escuta minha voz suplicante quando vos peço auxílio, quando levanto as mãos até vosso santuário” (Salmos 27, 2). E ensinava pela palavra e com seu exemplo santo aos frades a que orassem assim continuamente, dizendo aquela frase do salmo: “Agora bendizei ao Senhor os servos do Senhor”. E também: “Senhor, estou vos chamando, vem depressa, escuta minha voz quando vos chamo”, etc., até as seguintes palavras: “Durante a noite levantai vossas mãos para o santuário” (Salmos 133, 1-2). E também: “E o levantar de minhas mãos [como oferenda da tarde]” (Salmos 140, 1). Porém, para que se entenda melhor quando se tem dito, ilustra-se com a figura seguinte.



Oitavo modo de orar

Nosso Pai São Domingos tinha outro modo de orar, formoso, devoto e grato para ele, que praticava após a recitação das horas canônicas, e depois da ação de graças que se faz em comum pelos alimentos recebidos. O mesurado e piedoso Pai, impulsionado pela devoção que lhe havia transmitido a palavra de Deus cantada no coro ou no refeitório, ia-se logo ficar sozinho em algum lugar, na cela ou em outra parte, para ler ou rezar, permanecendo consigo e com Deus. Sentava-se tranqüilamente e, feito o sinal da cruz, abria ante si algum livro; lia e se enchia sua mente de doçura, como se escutasse ao Senhor que lhe falava, em conformidade com o que se diz no salmo: “Vou escutar o que diz o Senhor”, etc (Salmo 84, 9). E, como se detivesse com um acompanhante, aparecia, ora impaciente, a julgar por suas palavras e atitude, ora tranqüilo à escuta, se o via disputar e lutar, rir e chorar, fixar o olhar e baixá-lo, e de novo falar sob golpes dados no peito.

Se algum curioso quisesse observá-lo escondido, o Pai São Domingos se lhe haveria parecido a Moisés, que penetrou no deserto, chegou ao monte de Deus Horeb, contemplou a sarça ardente e rezou com o Senhor e se humilhou a si mesmo (Gen 3, 1-6). Este monte de Deus não é como uma imagem profética de piedoso costume que tinha nosso Pai, de passar facilmente da leitura à oração, da oração à meditação, e da meditação à contemplação?

Ao longo deste leitura feita em solidão, venerava o livro, inclinava-se para ele, e também o beijava, em especial se era o códice do Evangelho, ou se lia palavras que Cristo havia pronunciado com sua boca. Às vezes ocultava o rosto enrolando-se com a capa, ou escondia a face entre as mãos, velando-se um pouco com a capucha; chorava cheio de vergonha e de dor, e também, como se agradecesse a um alto personagem os benefícios recebidos, levantava-se um pouco com toda reverência e inclinava sua cabeça; plenamente refeito e tranqüilo, lia novamente o livro.



Nono modo de orar

Observava este modo de orar ao se transportar de uma região a outra, especialmente quando encontrava-se em lugares solitários; passava o tempo meditando, quer dizer, em contemplação. Dizia às vezes a seu companheiro de caminho: “Está escrito no livro de Oséas: A levarei ao deserto e lhe falarei ao coração” (Os 2, 14). Em ocasiões apartava-se de seu companheiro e adiantava-se, ou então, com mais freqüência, o seguia de longe; assim caminhava só e rezava; acendia-se na meditação, ou dito de outro modo, abrasava-se no fogo. Chegava neste modo de oração a fazer gestos como para afastar de seu rosto fagulhas ou moscas; por isto protegia-se freqüentemente com o sinal da cruz. Pensavam os frades que neste modo de orar havia alcançado o Santo a plenitude de conhecimento da Sagrada Escritura, a inteligência do mais sublime da palavra de Deus, um poder audaz de pregar fervorosamente, e uma secreta familiaridade com o Espírito Santo para conhecer as coisas ocultas.



Extraído e traduzido da página oficial da Ordem dos Pregadores:
<http://op.org/international/esanol/Documentos/Documentos-gen/nueve_modos.htm>
